



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O EXISTENCIALISMO EM CLARICE E EM MACHADO: UM ESTUDO COMPARADO.

Jane Sinara Clementino de Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- janesinara@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por finalidade apresentar uma pesquisa bibliográfica mostrando conceitos do existencialismo humano defendido por Jean Sartre(1946), fazendo uma análise crítica comparativa entre o conto “Ele me bebeu” de Clarice Lispector (1974) e o conto “Cantiga de esponsais” de Machado de Assis (1994.. Serão discutidas algumas teorias existencialistas, em seguida, dentro dessas teorias, será mostrada uma ligação da temática com os as personagens centrais dos respectivos contos. Com essa análise foi possível perceber que os autores citados trabalham a transitoriedade humana de formas diferentes, Clarice coloca seus personagens em contanto com o mundo exterior, propiciando assim uma auto-reflexão que desperta para um real estado de felicidade, enquanto Machado coloca o protagonista do conto em contato com um mundo interior, só seu, sendo este mais propício a não se descobrir como pessoa e assim vivendo em um eterno estado de insatisfação.

Palavras-chave: Existencialismo, Clarice Lispector, Machado de Assis.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo comparado entre dois contos: “Ele me bebeu” de Clarice Lispector (1926-1977) e “Cantiga de esponsais” de Machado de Assis (1839-1908). Embora os autores sejam de épocas diferentes, é possível identificar características comuns aos dois e assim fazer comparações e reflexões pertinentes. Neste trabalho será feito uma análise do ponto de vista do existencialismo filosófico e psicológico. Sendo assim ao analisar esses contos serão levadas em conta as angústias que levam alguns dos personagens desses textos a sofrerem crises existenciais, e também será possível verificar pontos de distanciamento entre as duas obras; a personagem descrita pela autora Clarice no conto em estudo está mais propícia a felicidade uma vez que está se interrelaciona com mundo, já a personagem descrita no conto de Machado vive sozinha em seu mundo interior estando sujeita a infelicidade.



2. Metodologia

Após a definição dos os objetivos da pesquisa, foi feito um estudo de teor bibliográfico sobre teorias existencialistas, abordou-se os conceito de Jean Sartre para em paralelo com a discussão existencialista analisar como os autores Machado de Assis e Clarice Lispector recria em seus personagens, os ideais defendidos por Jean Sartre. Os autores citados foram de grande importância para estudos literários. Para realização do trabalho passou-se por um processo de leitura e reflexões sobre os textos até análise individual e escrita dos contos dos respectivos autores. O processo de construção desse trabalho teve o objetivo de apresentar uma pesquisa que contribua de forma relevante com a crítica literária.

3. O Existencialismo

O Existencialismo foi uma doutrina ético-filosófica e literária que destacou a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano; onde o homem era considerado como um ser único, mestre de seus atos e do seu destino. Teve início com Martin Heidegger (1889-1976), quando discutia a angústia do homem por saber que é destinado a morte. Essa discussão foi retomada por Jean-Paul Sartre (1905-1980), um dos grandes filósofos existencialistas, que tinha um pensamento ateu defendendo o Existencialismo como sendo um Humanismo, e assim Sartre (1946) explica:

... se Deus não existe, há pelo menos um ser, no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, diz Heidegger, a realidade humana. Que significa então que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente é nada. Só depois será, e será tal como a si próprio se fizer.

O homem está ciente do mundo em que vive: um mundo onde todas as coisas são de livre acesso; onde os seres não devem satisfação de seus atos; não conseguem explicar o porquê da sua existência; e só sabe-se que a morte é inevitável; ou seja, é por causa desse e de diversos outros motivos que o homem perde o sentido da vida, havendo a necessidade de buscá-lo.

O pensamento existencialismo também defende a ideia de que a existência precede a essência. Em outras palavras, não existe uma essência humana que determine o homem, mas ele irá construir a sua essência dentro de sua existência. Esse pensamento é exemplificado por Sartre em:



Consideremos um objeto fabricado, como um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referenciais, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência — ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição — precede a existência; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que a produção precede a existência (SARTRE, 1987:5).

Se a condição humana é esta, de construção da sua essência, então ele vive pressionado em recorrentes crises existenciais, pois o tempo todo tem que fazer escolhas e reflexões sobre quem realmente é. O processo de escolher é angustiante e isso se dá justamente pela responsabilidade de se escolher o certo ou errado.

Assim o existencialismo é interpretado como um amontoado de ideias que coloca o ser humano responsável por seus atos. Mostrando que estamos lançados no mundo sozinhos e que cabe a nós nos encontrarmos, construirmos nossa identidade e correr atrás do nosso ideias.

4. Ele me bebeu e Cantiga de esponsais: Um estudo comparado

Um tema trabalhado com frequência por Clarice em suas narrativas é a angústia do ser humano perante a sua vida. Mas precisamente é possível encontrar o tema citado no conto “Ele me bebeu”, na personagem Aurélia que perde sua identidade para Serjoca seu maquiador, na medida em que Serjoca a maquiava, a desfigurava e ia assumindo sua personalidade, talvez por ser cheio de inveja: “[...] Aurélia telefonou para Serjoca: precisava de maquiagem urgente. Ele foi à sua casa. Então, enquanto era maquilada, pensou: Serjoca está me tirando o rosto [...]” (C. LISPECTOR, 1974).

Partindo do pressuposto do existencialismo que não existe uma essência humana que determine o homem, mas que ele constitui a sua essência na sua existência. Esta construção da essência se dá a partir das escolhas feitas, visto que o homem é livre. Percebemos que Aurélia no decorrer da narrativa está submissa a máscaras ao artificial ela esconde sua essência por trás das lentes de contato, da peruca, dos seios postiços e da maquiagem do amigo, a personagem esconde



seu verdadeiro eu, seus defeitos e imperfeições, ela também fica submissa aos cuidados estéticos do amigo.

E maquilava Aurélia Nascimento. Aurélia era bonita e, maquilada, ficava deslumbrante. Era loura, usava peruca e cílios postiços. Ficaram amigos. Saíam juntos, essa coisa de ir jantar em boates. Todas as vezes que Aurélia queria ficar linda ligava para Serjoca. Serjoca também era bonito. Era magro e alto. E assim corriam as coisas. Um telefonema e marcavam encontro. Ela se vestia bem, era caprichada. Usava lentes de contato. E seios postiços. Mas os seus mesmos eram lindos, pontudos. Só usava os postiços porque tinha pouco busto. (C. LISPECTOR, 1974)

Aurélia percebe essa falta de identidade quando conhece Affonso por quem ela se sente atraída, percebendo o jogo de sedução estabelecido entre os três, cria uma fissura e questiona-se sobre si mesma, sobre sua individualidade, sobre sua essência, sobre tudo que começou a enxergar.

Então, enquanto era maquilada, pensou: Serjoca está me tirando o rosto. A impressão era a de que ele apagava os seus traços: vazia, uma cara só de carne. Carne morena. Sentiu mal-estar. Pediu licença e foi ao banheiro para se olhar ao espelho. Era isso mesmo que ela imaginara: Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos — e tinha uma ossatura espetacular — mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou, ele vai me destruir. E é por causa do Affonso. (C. Lispector, 1974)

Depois desse episódio Aurélia percebe que Serjoca rouba todas as atenções do seu então pretende, Aurélia começa a refletir sobre as ações do amigo. “daqui a pouco ele me tira o corpo também (LISPECTOR, 1974).

O desfecho da narrativa acontece no momento das inquietações da protagonista, quando ela percebe que o parecia ser seu não era, e que ela se “escondia” por trás da maquilagem, dos seios postiços, da peruca, das lentes de contato, na verdade ela era um ser sem identidade própria. E para se encontrar, para pensar seus ideais e conquistá-los era preciso se desfigurar e se desprender daquela falsa imagem produzida pelos objetos de realçavam sua beleza.

Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada.

“— Então — então de súbito deu uma bruta bofetada no lado esquerdo do rosto.

Para se acordar. Ficou parada olhando-se. E, como se não bastasse, deu mais duas bofetadas na cara. Para encontrar-se.

E realmente aconteceu.” (LISPECTOR, 1974).



O complexo existencial também é visto em personagens machadianas mais precisamente no conto “Cantiga de esponsais”, onde o personagem Romão (Mestre Romão), passa pela eterna angústia de não ter inspiração para compor uma mera cantiga esponsalícia, mesmo tendo uma vasta experiência em música ele não consegue deixar sua marca de vida e esse fato o perturba e o faz uma pessoa triste:

Ah! Se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e as que não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens. Romão era destas. Tinha vocação íntima da música; trazia dentro de si muitas óperas e missas, um mundo de harmonias novas e originais que não alcançava exprimir e pôr no papel”. ASSIS, Machado, 1994.

Em Machado é comum temas como a busca pela perfeição, no conto analisado, um homem, mesmo sendo um talentoso músico, não consegue se contentar com isso quer a perfeição, tocar suas próprias canções, e neste contexto, Romão, se isola em seu mundo. Esse aspecto é bem marcado pelo autor, na descrição da casa que Romão vive:

[...] A casa não era rica naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestígio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem cores vivas ou jucundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, papéis de música; nenhuma dele...

ASSIS, Machado, 1994.

A casa descrita no conto com poucos móveis pode ser vista como um lugar triste, solitário, que assinala a inspiração de Romão. O isolamento de Romão as tentativas frustradas, tem por consequência sua infelicidade. O problema da busca pela perfeição é um tema tratado com frequência nas personagens Machadianas.

Dentro do conto várias há várias possibilidades de leitura o que representa bem o universo machadiano, quando constituído por questões que envolvem nossa efetiva afirmação como seres humanos, ou seja, o que se trava no conto e que trava nos leitores - na identificação instantânea com a tragédia pessoal do maestro - é a consciência ou intuição de que cada homem se constitui progressivamente no limite entre “ser” e “não ser”; na ideia de um “eu” dependente de uma auto-imagem externa; no desejo de efetivar essa imagem, ou alma externa tão oposta a uma outra alma, interna e fragmentada, que mal é compreendida, pois as referências estão perdidas dentro dos seres,



criaturas incompletas; resta, na melhor das hipóteses, aceitar esse malogro existencial que, no conto, coincide com o momento da morte da personagem. É um desfecho irônico e trágico.

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou. ASSIS, Machado, 1994.

5. Conclusões:

Ao analisar as personagens Claricianas e Machadianas encontram-se grandes diferenças. Em Clarice são mostrados temas mais comuns que retratam o cotidiano a vivência diária, em seguida as essas temáticas vem o momento de epifânia tema, muito comum a autora, isso pode ser comprovado na personagem Aurélia Nascimento, quando ela descobre que havia perdido sua identidade para seu amigo Serjoca e a quem confiava o fato de ficar ainda mais bela, Aurélia chega a perder seu pretendente Affonso de Carvalho para o amigo, evento que não se enquadraria dentro dos padrões sociais. Em seu momento de epifânia, Aurélia renasce para um novo mundo, agora ela passa ser uma nova pessoa, dona de suas ações, e de uma personalidade só sua, reafirmando assim o seu sobrenome “Nas-ci-men-to”. Já Machado usa em suas narrativas a imprevisibilidade em relação as suas personagens, no caso de Romão é mostrada no início do conto um grande músico que todos admiram pelo seu talento, seguido a esse momento o autor surpreende o leitor ao mostrar esse tão talentoso músico uma pessoa insatisfeita e triste diante da sua falta de inspiração. Romão entra em contraposição entre seu mundo interior e exterior.

Com esse estudo bibliográfico foi possível observar que as personagens machadianas e claricianas nos dois contos em estudo, sofrem de um mal que é comum aos seres humanos, quando passam pela transitoriedade de vida, quando perde sua essência, assim esses dois autores mostram de formas diferentes como seus personagens estão perturbados diante da sua existência. Clarice mostra Aurélia perdendo sua identidade para Serjoca, mas conseguindo recuperar sua essência e voltando a viver, já Machado mostra Romão, um personagem fatigado por não conseguir compor, por não encontrar sentido dentro da sua existência, sua essência, seu eu, apenas no final da narrativa consegue compor uma “mera” cantiga esponsálica.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

6. Referências:

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br



SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo.** Apud. Os Pensadores. Vol. XLV, Abril Cultural.

LISPECTOR, Clarice. **Conto Ele me Bebeu.** Disponível em:
<http://anjosfariael.wordpress.com/2011/01/13/ele-me-bebeu/>. Acesso em 6 de abril de 2016.

ASSIS, Machado. **Conto Cantiga de Esponsais.** Disponível em:
http://www.releituras.com/machadodeassis_cantiga.asp. Acesso em 6 de abril de 2016.